

AS ‘CATEGORIAS VERBAIS INVARIÁVEIS’
NOS TRATADOS LINGÜÍSTICOS PORTUGUESES
ANTERIORES AO SÉCULO XIX:
ADVÉRBIOS E LOCUÇÕES ADVERBIAIS

Amparo Ricós
Universitat de València

1. Nos últimos anos têm surgido vários estudos em forma de teses, artigos e participações em congressos dedicados às primeiras propostas de gramatização do português¹. Além disso, a aproximação gramaticográfica tem sido acompanhada da análise dos textos do ponto de vista histórico, de forma que no presente a disponibilidade de dados permite esboçar os traços principais de uma época que consideramos chave para a codificação do português. Isto é assim porque as mudanças linguísticas que aconteceram nesta altura vão ser reflectidas nas gramáticas das línguas vernáculas tanto as de índole especulativa como as práticas ou de uso, no processo de deslatinização das mesmas. Daí que para o estudo da fixação e gramaticalização de uma determinada unidade seja imprescindível uma aproximação aos comentários facilitados pelos gramáticos. Neste sentido, não nos devemos esquecer dos dicionários, já que, além de proporem ou seguirem a doutrina linguística contemporânea, são manifestação dos aspectos particulares de cada língua, como a fraseologia (Blecua, 2006: 39; Scandola, 2006: 39-40)².

Sob esta óptica e dentro de um projecto de estudo da história, codificação e fixação das locuções adverbiais³, o objetivo deste trabalho consiste, por um lado, na análise das informações oferecidas pelos gramáticos portugueses dos séculos XVI, XVII e XVIII sobre uma das classes de palavras invariáveis, o advérbio; e, por outro, na comparação destas com as ideias expostas nas gramáticas

¹ Remitimos às referências bibliográficas.

² Os trabalhos dedicados à Lexicografia Histórica Espanhola de Manuel Alvar Ezquerro, Pedro Álvarez de Miranda, Dolores Azorín Fernández, Fernando Lázaro Carreter ou Manuel Seco, entre outros, são uma boa mostra desta ideia.

³ Este artigo inscreve-se no projecto HUM2005-02879/FILO, “Historia, codificación y fijeza de las locuciones adverbiales en un segmento temporal del español (1492-1596)”, sob a direcção da Dra. M.ª Teresa Echenique Elizondo.

espanholas contemporâneas⁴. Contudo, se bem que nas próximas páginas se exponham as teorias gramaticográficas sobre o advérbio e a sua relação com as outras palavras invariáveis, as chamadas partículas, centrar-nos-emos num aspecto particular, as locuções adverbiais, na crença de que um dos factores que potenciam a fixação destas unidades pluriverbais é a sua presença ou consideração nas gramáticas.

2. Uma consciência linguística incipiente no que diz respeito à língua vulgar parece emergir já no reinado de D. Dinis (Assunção e Torres, 2000: 6; Santos, 2005: 79), mas cristaliza-se no século XVI com a publicação das obras de Fernão de Oliveira, João de Barros, Pero Magalhães Gândavo e Duarte Nunes de Leão.

2.1. A *Grammatica da Lingoagem Portuguesa* de Fernão de Oliveira (1536) inaugura a produção gramatical em português sobre o português, tentando a libertação dos esquemas da gramática latina e a delimitação das categorias gramaticais funcionais do português. Insere-se na tendência que parte da Itália de submeter a língua vulgar a normas precisas. Contudo, Fernão de Oliveira singulariza-se nesta metade do século XVI porque a sua obra, à diferença dos gramáticos do Renascimento, não é subordinada aos esquemas da gramática latina (Buescu, 1984: 12).

Com efeito, a obra de Oliveira pode definir-se como um conjunto de “curiosas e judiciosas reflexões, de tipo ensaístico” (Buescu, 1984: 15), em que, após um original tratado de Ortografia e Fonética, dedica um breve estudo a alguns problemas morfológicos sem tratar os problemas gramaticais que preocupavam os outros gramáticos contemporâneos⁵. As três partes em que se divide a obra são constituídas pela *Fonética e Ortografia*, pela *Morfologia*, em que trata apenas cinco das oito categorias gramaticais clássicas (artigo, nome, pronomes, advérbios e verbos), e pela *Construção* ou *Sintaxe*, à que dedica um parágrafo⁶.

Mesmo assim,

⁴ Deixamos o estudo das ideias expostas nos dicionários para outro trabalho, se bem que as consideremos imprescindíveis.

⁵ Assim, diferentemente das gramáticas do Renascimento, e das de Nebrija e de João de Barros, Fernão de Oliveira omite a parte dedicada à retórica “embora aluda de passagem a qualquer coisa com ela relacionada” (Assunção e Torres, 2000: 19).

⁶ Como assinalam Assunção e Torres (2000: 20), Oliveira mostrava o seu descontentamento pelas deficiências neste aspecto, e a promessa de escrever outra obra. Promessa não levada a efeito e que deixou sem uma obra fundamental a História da língua e da Linguística, se se considerar a lucidez e originalidade em alguns aspectos tratados na *Grammatica* (Coseriu, 2000: 60)

pode notar-se o seu esforço no sentido de se libertar dos esquemas da gramática latina e de delimitar como tais as categorias gramaticais que funcionam em português. E devemos dizer que consegue traçar em poucas páginas uma gramática portuguesa, em grande parte independente dos modelos latinos (Co-seriu, 2000: 50).

Esta independência mostra-se em dois aspectos: na própria concepção da gramática, já que prescinde da definição das categorias gramaticais e só descreve as formas que expressam essas categorias, e na intuição da variedade linguística.

Conforme diz Oliveira, as palavras classificam-se em dois grupos, segundo a declinação. Portanto, distingue palavras variáveis e palavras invariáveis: “Têm diferença as dições na voz, assim como as cousas no significado, porque hũas se declinam e outras não [56].”

O advérbio inclui-se entre as dições ‘apartadas’ ou ‘simpreses’ (Cap. XXIV, [45]), quer dizer, “aquellas cujas partes não podem ser dições inteiras, mas dividem-se somente em sillabas e letras”. Não obstante, no capítulo XLII ([60, 61]), dedicado às ‘dições tiradas e eiceições’, acrescenta:

Na declinação natural, onde falamos das dições tiradas podemos também meter os averbios, os quaes, quando são tirados, polla maior parte ou sempre acabam em **mente**, como *compridamente*, *abastadamente*, *chammente*; e porém há hi muitos que não são tirados como *antes*, *despois*, *asinha*, *logo*, *cedo*, *tarde*. E quasi podemos notar que os averbios acabados em **mente** significam calidade; e não todos os que significam calidade acabam em **mente**, porque já agora não diremos *prestemente*, como disseram os velhos, nem *raramente*.

Em conclusão, Oliveira evita a definição do advérbio e caracteriza-o exclusivamente desde um critério formal, indicando a invariabilidade desta categoria e a possibilidade de composição que restringe os casos de formação com *-mente*. Apesar de ser uma gramática descritiva, do uso, não há referência nenhuma as locuções adverbiais.

2.2. Quatro anos mais tarde sai do prelo a *Gramática da Língua Portuguesa*, de João de Barros (1540), como parte integrante de um projecto pedagógico mais comprido (Buescu, 1971, 1978, 1984), formado pela *Cartinha*, a *Gramática* e dois diálogos *Diálogo em louvor de nossa linguagem* e *Diálogo da viciosa vergonha*.

⁷ Oliveira concebe a declinação em sentido lato, aplicando o termo tanto à flexão como à derivação, distinguindo entre declinação natural e declinação voluntária (Kossarik, 2002: 30)

2.2.1. Entre as escolas e autores que influenciaram em Barros, parece indubitável Antonio Nebrija e a sua *Gramática de la lengua castellana*. Mas, como afirma Buescu (1971: LXV) a gramática de Barros não é uma cópia ou adaptação da gramática nebrisense⁸, dado que:

nesta encontra-se muito mais nitidamente a presença dos gramáticos latinos e uma rígida conformidade com o seu esquema gramatical que não se encontra, como julgamos ter demonstrado, em João de Barros (...) o confronto dos dois textos revela profundas divergências que, não excluem uma influência de Nebrija sobre Barros, mas vêm provar a existência de outras fontes –latinas, sobretudo– consultadas directamente pelo autor português.⁹

Em relação ao objecto deste trabalho, observam-se pequenas desconformidades entre os autores no esquema da gramática e no conteúdo das partes ou subpartes. Enquanto que Nebrija considera dez partes do discurso, Barros distingue nove. Também diferem na organização da parte da *Etimologia*¹⁰ e da *Sintaxe*¹¹.

Com respeito à influência do latim e dos gramáticos latinos em Barros, o gramático quinhentista relaciona constantemente o que está a dizer com o latim como método pedagógico para facilitar a aprendizagem da nova gramática¹² e como motivo de louvor da língua portuguesa pela sua filiação latina (Buescu, 1978: 63-64). Apesar disso, a preocupação de Barros por individualizar a língua portuguesa da língua latina verifica-se na incorporação das ino-

⁸ Se bem que é inegável o conhecimento e a admiração que Barros professou ao autor da primeira gramática em língua castelhana, deve levar-se em conta que a intenção dos autores era bem distinta. Nebrija escreve uma gramática especulativa, doutrinal, com intenção erudita, enquanto que Barros compôs uma obra prática, sob uma óptica claramente pedagógica. A obra de Barros é uma gramática preceptiva, com o objectivo de codificar a língua. O método também é distinto: Barros enumera e só a seguir explica. Nebrija enumera ao mesmo tempo que explica (Buescu, 1984: 89). As principais coincidências devem-se a um património comum, constituído pelas gramáticas latinas, não partilhado com F. de Oliveira. Além disso, o texto de Barros evidencia as influências de outros autores (gramáticos italianos) e outras obras de Nebrija (*Introductiones Latinae*) (Buescu, 1971).

⁹ Leonor Carvalhão Buescu (1971: LXXI) acrescenta a possível influência de Bembo (1525), Barclay (1521), Palsgrave (1530) e Dubois (1531).

¹⁰ Na gramática castelhana depois do verbo vem a Preposição, a seguir o Advérbio, em que inclui a Interjeição, conforme aos gregos, e finalmente a Conjunção. Barros segue uma ordem distinta, primeiro o Advérbio, depois a Preposição, seguida da Interjeição. A Conjunção fica tratada nas páginas dedicadas à Sintaxe ou Construção.

¹¹ Esta última parte ordena-se também de forma diferente. Nebrija distingue só dois capítulos (*De la construcción de los verbos* y *De la construcción de los nombres*). Em Barros amplia-se (*Do regimento dos verbos, Dos verbos impessoaes, Do regimento dos nomes, Do regimento do avérbio, Da preposiçám, Da conjunçám, Da interjeiçám*).

¹² A ideia de aprender a gramática portuguesa antes da gramática latina é posterior (Roboredo, 1619 e Verney, 1746).

vações românicas em relação ao latim (existência do artigo, desaparecimento da declinação, etc.)

2.2.2. Como destacam Buescu (1984) e Monteiro (1999), se F. Oliveira impressiona pela descrição do sistema fonológico português, João de Barros salienta-se pela tarefa de sistematizar o nível morfossintático. Barros considera a existência de nove partes do discurso, segundo a classificação tradicional latina à qual lhe acrescenta o artigo¹³. A classificação das palavras fundamenta-se no pressuposto de que as unidades linguísticas se organizam hierarquicamente, a partir de dois elementos: o nome e o verbo; e explica-o a partir da metáfora do jogo do xadrez, metáfora que remete à organização sintática da teoria gerativista-transformacional de Chomsky (Buescu, 1984), mas também ao conceito sistemático de Saussure (Monteiro, 1999). A partir deste conceito de sistema, João de Barros apresenta as características de cada classe gramatical.

Quanto aos advérbios, parte de uma definição sintáctica colocacional: “Avérbio é ãa das nóve pártes da oraçám que sempre anda conjunta e coseita com o verbo” (Buescu, 1971 [1540]: 345). Critério que explica a etimologia do nome: “e daqui tomou o nome, porque *a* quer dizer çerca e, composto com *verbum*, fica *adverbium* que quér dizer ácerca do verbo” (Buescu, 1971 [1540]: 345). A continuação segue um critério de uso (necessidade do advérbio) e outro semântico para mostrar o valor do advérbio em relação ao verbo, com abundantes exemplos.

Foi ésta pártē mui neçessária, ca per éla se denóta a eficácia ou remissám do verbo, porque, quando digo: Eu amo a verdáde, demóstro que simplesmente faço ésta obra de amar; mas dizendo: Eu amo muito a verdade, p[er] este avérbio muito, denoto a cantidáde do amor que tenho à cousa; e se disser: Amo pouco a verdáde, com este pouco se diminuiē o muito de cima e: Nam amo a verdáde, desfaço toda a obra de amar.

Assi que tem o avérbio este poder: acreçenta, deminuiē e totalmente destruiē a obra do verbo a que se ajunta, e ele é ô que dá aos verbos cantidáde ou calidáde acidental, como o ajetivo ao sustantivo (Buescu, 1971 [1540]: 345).

Os acidentes do advérbio são três: espécie, figura e significação. Baseando-se na espécie, distingue advérbios primitivos (*muito*) e derivados (*de bom se deriva bem*) e segundo a figura, simples (*ontem*) ou compostos (*antontem*). Incorpora a possibilidade da formação dos advérbios em *-mente* para suprir a falta de advérbios em português. Contudo, não menciona unidades pluriverbais

¹³ Distingue, contudo, duas subcategorias no nome (substantivo e adjectivo), em função dos conceitos aristotélicos de substância e acidente.

como locuções, frases ou modos adverbiais. Como Nebrija, e a diferença de Oliveira, que incorpora a noção de “dições tiradas”, Barros considera *mente* como uma palavra, não como um sufixo.

Per outra maneira soprinos gram diversidade de avérbios, ajuntando a um nome ajetivo feminino ésta palavra *mente* e dizemos: boamente, màmente, escas[s]amente, grandemente, etc., que quér dizer boa, má, escas[s]a, grande vontade (Buescu, 1971 [1540]: 347).

Estabelece uma classificação a partir do significado, semelhante, como o próprio autor diz, à que encontra nos gramáticos latinos¹⁴:

de lugar (*aquí*); de tempo (*anteontem*), de quantidade (*muíto*), de calidade (*bem*); de afirmár (*çerto*); de negar (*nam*); de duvidar (*quiçá, perventura*); de demonstrár (*eis*); de chamár (*oulá*); de desejár (*oxalá*); de ordenár (*item*); de preguntar (*como*); de ajuntár (*em sóma*); de apartár (*àparte*); de jurár (*em verdade*); de despertár (*sus*); de comparár (*bem como*); de acabár (*em conclusám*) (Buescu, 1971 [1540]: 347).

Desta classificação podemos concluir que se bem que o autor separe os advérbios das interjeições, em conformidade com os latinos e ao contrário dos gregos¹⁵, ao estabelecer a classe dos advérbios inclui certos tipos que claramente têm valor interjectivo, quase onomatopéicos (de chamar: *ou, oulá*; de despertar: *eis, sus, asinha*). Além disso, incorpora alguns valores pragmáticos e textuais que, com certeza, os advérbios tinham adquirido na fala: valores modalizadores (de jurar: *çerto, em verdade*; de demonstrar: *eis, eis-lo*) ou conectivos (de ordenar: *item, depois*; de acabar: *em conclusám, finalmente*; ou de ajuntar: *em suma, juntamente*). Observa-se também que estes novos valores são exprimidos em grande parte por locuções adverbiais (*em verdade*), e adjectivos adverbializados (*çerto*), embora o autor não faça nenhuma referência a estes procedimentos.

No que diz respeito ao regimento do advérbio, João de Barros reconhece primeiro a função secundária do advérbio em relação ao verbo e ao nome¹⁶, para acrescentar a possibilidade que tem o advérbio de reger palavras. Desta

¹⁴ “(...) conformando-me com a ordem dos latinos” (Buescu, 1971 [1540]: 346).

¹⁵ “Os gregos contáram ésta páрте da interjeicám com o avérbio. Os Latinos (a quem nós seguimos) distintamente faláram déla” (Buescu, 1971 [1540]: 348).

¹⁶ O avérbio, ainda que nam tem tanta força como o vérbio e nome em seu regimento, muitas dições se régem dele (Buescu, 1971 [1540]: 354).

maneira, o advérbio pode modificar a outro advérbio ou ao verbo (não se refere à modificação do adjectivo) e pode reger casos, isto é, levar complementos.

Muitas vezes se juntam dous em algũa conjunçám como: Muito bem se fez isto. E com conjunçám se juntam dous e três como: Bem prudente e sagázmente se [h]ouvéram os Romanos contra os Cartaginenses.

O segundo açidente é que deseja de se juntar ao vérbio a que dá mais ou menos sinificaçám, como: Mui mal compriste comigo.

Terceiro açidente é que alguns tem força de regerem casos como: assaz de diñheiro; muito disto; pouco de proveito (Buescu, 1971 [1540]: 354-355).

Há pequenas diferenças se compararmos estas páginas com a *Gramática* de Nebrija e com outros gramáticos espanhóis posteriores (Gómez Asencio, 1981, 1985, 2003; Ramajo Caño, 1987). Ao definir a categoria¹⁷, Barros antepõe o critério sintáctico situacional (modificação do verbo) ao critério semântico, além de dedicar uma parte ao regimento do advérbio na Sintaxe ou Construção (critério funcional). Diferem ambos de Oliveira porque este último considera somente um critério morfológico. Além disso, Nebrija exprime a ideia de que o comportamento do advérbio com respeito ao verbo é como o do adjectivo em relação ao nome (Quilis, 1980 [1492]: 197). O método também é distinto. Barros explica e exemplifica com maior profusão o valor e a função dos advérbios.

A classificação que ambos fazem dos advérbios é semelhante, mas não idêntica. Nebrija inclui os advérbios “de diminuir: a escondidillas”, mas não menciona os “de acabar”¹⁸.

Apesar de distinguir duas figuras (*senzilla* e *compuesta*), o autor da *Gramática de la lengua castellana* é o primeiro a falar de outros procedimentos para exprimir as ideias adverbiais: os “advérbios por rodeo”, o nome que dá às unidades pluriverbais formadas, bem por dois nomes (*uma vez*), bem por um adjectivo e substantivo *mente* ou *miente* (*justa mente*), bem pela preposição a mais nome (*asabiendas, adrede*).

Por último, devido à concepção prática da gramática, Barros dá maior importância ao uso e obriga a desenvolver uma parte da sintaxe do advérbio, que não aparece em Nebrija. Interessante, por ser novidade, é que Barros comente

¹⁷ A definição do advérbio como parte da oração que modifica ao verbo para completar a sua significação remonta-se, ao menos, a Dionísio de Trácia. Também se pode encontrar em Donato. Nebrija é mais preciso tanto nas *Introducciones* como na *Gramática*. Daí que as gramáticas do espanhol posteriores mantenham esta definição (Ramajo Caño, 1987: 185).

¹⁸ Esta classificação será seguida, em maior ou menor medida, pelos gramáticos do espanhol. Como “cajón de sastré”, o advérbio incorporará valores vários e estruturas diversas para os exprimir.

a possibilidade de que o advérbio possa reger outros advérbios, se bem que não teve a lucidez de outros autores posteriores, como o Brocense, que considerou a modificação de outras palavras como o adjectivo ou o particípio.

Fica demonstrado que, se bem que a influência de Nebrija tenha sido importante, a *Gramática* de Barros não foi uma simples cópia ou plágio desta. Se, como afirma Buescu e já comentámos, a *Gramática de la Lengua Castellana* está mais próxima dos modelos latinos, a análise da parte dedicada ao advérbio vem a refutar esta ideia, dado que, como afirma Gómez Asencio (2003: 60-62) e acabámos de ver, a intuição de Nebrija sobre uma particularidade do espanhol supõe um procedimento de deslatinização, embora do ponto de vista teórico continue a concepção latinizadora da gramática ao incluir estas palavras como advérbios.

Que en lo de ‘por rodeo’ hay deslatinización de la gramática española parece cosa evidente. Que en los tres casos hay latinización de la gramática española, también: considera que ‘a escondidillas’ –dos palabras gráficas– o ‘asabiendas’ –una palabra gráfica– constituyen cada una una UNIDAD-LINGÜÍSTICA-POR-RODEO es a la vez deslatinizar (intuición de una peculiaridad del español; percepción de que una categoría de la gramática del latín se vierte en español en dos subcategorías: adverbios propiamente dichos y adverbios por rodeo, o de que en esta lengua hay adverbios de una palabra y ‘adverbios’ de dos palabras) y latinizar (se considera adverbio en español, en una o en dos palabras, lo que era en latín en una sola) (Gómez Asencio, 2003: 61).

Por isso, podemos afirmar que Barros mantém a tradição gramatical greco-latina sobre o advérbio e acrescenta factores relativos ao uso que serão desenvolvidos em gramáticas posteriores. O cotejo de ambos os textos faz pensar numa fonte comum, ao menos na teoria sobre o advérbio. No caso de um seguimento da obra nebrisense, não podemos imaginar a razão por que o autor português não introduziu as referências às locuções adverbiais, aos “advérbios por rodeo”, ao descrevê-los do ponto de vista formal. Sobretudo porque a língua portuguesa possuía os mesmos procedimentos que o espanhol naquela altura, como manifestam os exemplos que incorpora na classificação, e porque Barros não desdenhou a incorporação das inovações românicas na sua *Gramática*.

3. Na segunda metade do século XVI e durante o século XVII, há um surgir dos estudos linguísticos em Portugal, virados para vários aspectos relacionados com o contexto histórico-cultural. As questões tratadas serão principalmente: o problema ortográfico, a codificação da norma, a descrição sistemática da língua portuguesa, a geração de gramáticas de línguas exóticas para o ensino na Ásia, na África e no Brasil, e os escritos apologeticos em defesa da língua

nacional face ao castelhano e em relação ao latim, entre outros (Fonseca, 2002, 2006; Kossarik, 2002). O resultado é um riquíssimo património que abrange as mais variadas obras tanto no número de línguas descritas como na amplitude da problemática.

Neste contexto Amaro de Roboredo publica em 1619 o *Methodo Grammatical para todas as línguas*, que Marina Kossarik (2002) apresenta como um dos primeiros esboços de gramática universal onde este princípio se explicita.

Amaro de Roboredo instaura, assim,

a distinção entre, por um lado, (1) uma “GRAMMATICA”, ou seja, gramática universal, forma adjectival que utiliza, no âmbito do título do seu “Livro Terceiro” “DA UNIVERSAL EXPLICAÇÃO RESOLUTIVA” (...) subdividido em cinco capítulos, destinados, em termos gerais, à definição de gramática, à caracterização de cinco ‘partes da oração’ e à “composição” ordinária e figurada dessas ‘partes da oração’, e, por outro lado, (2) “Pratica” da gramática, ou aplicação da gramática a uma língua particular, ou seja, o que poderíamos designar por *gramática aplicada*, representada pela segunda e pela terceira partes do seu *Methodo* (Santos, 2005: 87).

O ponto de partida das ideias linguísticas de Roboredo é, como o dos seus antecessores, a apologia da língua nacional, na expansão da Fé e do Império. O gramático defende o emprego da língua materna como língua de ensino, da ciência e também como língua da descrição gramatical. Adiantando-se às propostas de Verney, no *Verdadeiro Método de Estudar* (1746), Roboredo propõe ensinar primeiro a língua materna e depois outras línguas¹⁹. Ao seguir esta metodologia, o *Methodo Grammatical para todas as línguas* pode ser considerado como uma gramática universal, já que a gramática aparece como uma abstracção universal que pode ser aplicada a várias línguas concretas. Seguindo as ideias do Brocense, a quem constantemente cita, Roboredo escreve sobre dois níveis da língua: universal e particular, já que esta é concebida a partir da noção da existência de um significado universal, que se expressa em várias línguas por meios diferentes e em vários níveis de língua (morfologia, sintaxe, semântica) (Kossarik, 2002: 44).

Com respeito à doutrina gramatical, Roboredo distingue os níveis de língua tradicionais (som, sílaba, palavra e oração). Mas, como o Brocense, dá especial relevo ao nível da oração. Define assim a Gramática como: “arte de fallar que

¹⁹ Coerentemente, escreve a gramática do latim em vernáculo, e insiste em que a descrição do latim deve realizar-se, ao contrário do que acontece em Barros, do português para o latim. Concebe, portanto, uma gramática de carácter descritivo-comparativo de duas línguas, demonstrando as relações entre as formas sintéticas latinas e as construções analíticas do português, tanto ao nível morfológico como ao da sintaxe.

tem por fim a oração bem concertada” (Kossarik, 2002: 46)²⁰. Como Oliveira, Roboredo distingue cinco partes do discurso. Ao defini-las, apoia-se em critérios morfológicos, sintácticos e semânticos. No Livro III, cap. II (Kossarik, 2002 [1619]: [70]) define o advérbio como:

ADVÉRPIO he palavra que carece de Numero & Regência, & altera as outras palavras, a que se junta como Adjectivo. Chama-se Adverbio porque principalmente se junta ao Verbo, & também ao adjectivo, & Adverbio: como: *Admodum prudens primum quaerit Deum cito mane*. Tomado em lugar de Nome pode reger caço como: *Satis Verborum*.

Combina o critério formal (palavra invariável), como Oliveira, com os critérios sintáctico-colocacional (se junta ao verbo) e sintáctico-funcional (modifica o verbo, o adjectivo e o advérbio), este último aspecto, na nossa opinião, deve-se ao Brocense.

A lista dos valores semânticos exprimidos pelo advérbio vem a seguir, mas não é muito extensa nesta parte do *Methodo*:

Algũs Advérbios significão paixões do animo; outros tempo; outros lugar; outros vários accidentes (Kossarik, 2002 [1619]: [70]).

Por último, com respeito à variação formal, distingue entre advérbios simples e compostos, primitivos e derivados, questões estas que são intrínsecas a cada língua: “que em cada língua se irão notando” (Kossarik, 2002 [1619]: [70]). Mas não faz menção a outros procedimentos do português para exprimir estas ideias.

Na terceira parte do livro, no capítulo III, explica com detalhe os valores semânticos dos advérbios aplicados às frases latinas. A classificação é semelhante às propostas de João de Barros ou Nebrija. Inclui, como Nebrija, uma descrição pormenorizada dos advérbios locativos. Interessantes também são as explicações sobre a regência de determinados verbos.

Roboredo, como Nebrija, comenta que os valores de “significação de acções interiores ou paixões de animo” correspondem as Interjeições ou Interposições dos gramáticos latinos, já que ele incorpora esta parte da oração no Advérbio.

²⁰ Interessante também é a ideia de Roboredo de distinguir entre os conceitos de *oração* (objecto da gramática, isto é, a base universal de todas as línguas) e a *frase*, que se determina por propriedades das línguas concretas (Kossarik, 2002: 47). Esta concepção revela a consciência de três níveis: um nível lógico, racional, o nível dos significados; um segundo, o de estruturas linguísticas universais, as orações pertencentes à gramática universal; e um terceiro, o nível das realizações, das frases, determinadas pelas características das línguas concretas (Kossarik, 2002: 48).

4. A Historiografia linguística portuguesa ficou marcada no século XVIII por dois factos: primeiro, a chegada a Portugal dos ecos de Port Royal, pela primeira vez na gramática de Jerónimo Contador de Argote (1721) e depois com maior impacto em António José dos Reis Lobato (1770); e, segundo, a reforma do ensino pombalina (1759), que marginalizou o sistema educativo jesuítico baseado no estudo da gramática latina a partir de duas obras, a *Arte* de P^o Manuel Álvares e a *Prosódia* do P^o Bento Pereira (Fonseca, 2002).

A execução das novas leis do ensino público supôs a escolarização da língua materna (decretada oficialmente em 1770). Uma das consequências da institucionalização da aprendizagem do português (sugerido já em Oliveira (1536), Roboredo (1619), Argote (1725) e Verney (1746)) foi a normalização gramatical, lexical e ortográfica da língua portuguesa, acompanhada de doutrinação em matéria linguística. Este facto inaugura um novo quadro na história linguística em Portugal.

4.1. Jerónimo Contador de Argote publica em 1721 as *Regras da Língua portuguesa, espelho da língua latina*²¹. Considera o autor a existência de oito classes de palavras (nome, pronome, verbo, particípio, advérbio, preposição, conjunção e interjeição), segundo a tradição latina proposta por Donato, que não considera o artigo (Assunção, 2002: 18). O capítulo X trata das palavras invariáveis: dos advérbios, das preposições e das conjunções.

A definição do advérbio segue critérios formais e sintáctico-semânticos.

D. Advérbio he huma palavra, que não tem tempos, nem se declina por caſos, e junta a outra palavra determina, e declara a ſua ſignificação (Argote, 1726: 169).

Os exemplos didácticos que vêm a seguir mostram que o autor considera importante o valor semântico com o qual o advérbio dota o verbo; ideia que se exprime ao comparar o advérbio com um sintagma formado por uma preposição mais um nome:

D. *Combate valero*ſamente, a palavra *valero*ſamente he adverbio, porque junta com o Verbo combater declara que ſe combate *valero*ſamente, iſto he com valor (Argote, 1725: 170).

²¹ Seguimos a segunda impressão da obra, de 1725. No prólogo comentam-se as características desta gramática: o seguimento das regras do latim e o emprego de um método didáctico baseado em perguntas e respostas.

Quando explica a etimologia da palavra, introduz a sua teoria sobre a função sintáctica do advérbio que consiste em modificar o significado de um verbo ou um adjectivo, sempre que haja elipse do verbo.

M. E porque estas palavras se chamão Advérbios?

D. Porque ordinariamente se põem junto ao Verbo, assim como Combate Valerosamente. Também se põem co os adjectivos, assim como muyto bem, mas sempre leva Verbo, ou se lhe entende (Argote, 1725: 170).

Ao determinar os tipos ou ‘castas’ de advérbios, o gramático mistura critérios morfológicos e semânticos. A classificação semântica não difere das anteriores²²; não obstante, quanto às formas dos advérbios Argote incorpora, por primeira vez no nosso corpus, as locuções adverbiais, definidas como ‘nomes com artigo ou com preposição’, já que o autor não percebeu a crase da preposição *a* e o artigo feminino em unidades pluriverbais como *As escondidas*. Além disso, não se distingue bem a diferença entre um sintagma livre em função adverbial (*A tarde*) e uma unidade fixada (*As escondidas*)

D. Ha Adverbios, que são nomes com seu artigo, assim como *As escondidas*, *As claras*, *A tarde*. Ha Adverbios, que são nomes com preposição, assim como *De noyte*, *De dia*, *Sem duvida* (Argote, 1725: 171).

Por último, salientamos que o carácter didáctico da obra se manifesta na profusão de exemplos e na detalhada explicação da formação dos adjectivos em *-mente*, considerada partícula:

D. Ha Adverbios, que se formão dos nomes adjectivos, e adverbios, que não se formão dos nomes adjectivos.

M. Dizey exemplos.

D. *Grandemente*. He Adverbio, e forma se do adjectivo grande, e da partícula *mente*. *Onde* não se forma.

M. E como se formão os Adverbios dos adjectivos?

D. Formão se ordinariamente dos adjectivos na terminação feminina, accrescentandolhe a palavra *mente*.

M. Dizey exemplo.

²² Ha adverbios de lugar, assim como *Onde*, *Donde*, *Por onde*, *Para onde*. Ha adverbios de tempo, assim como *Hoje*, *A manhã*, *Hontem*, *Antehontem*. Ha adverbios de perguntar, assim como *Porque?* *Porque razão?* *Como assim?* Ha Adverbios de afirmar, assim como *Sim*, *Certamente*, *Na verdade*, *Sem duvida*. Ha Adverbios de negar, assim como *Não*, *De nenhum modo*. Ha Adverbios de mostrar, assim como *Ei-aqui*, *ei-alli*. Ha adverbios de chamar, assim como *Olá*, *O*. Ha Adverbios de comparar, assim como *Do mesmo modo*, *da mesma sorte*. Ha adverbios de quantidade, assim como *Muyto*, *Pouco*, *Mais*, *Menos* (Argote, 1725: 171).

D. *Claramente*, forma [e do adjectivo *Clara*, e da partícula *mente*, que [e lhe accre]centa (Argote, 1725: 171-172).

A consideração por parte do Argote da existência de novas formações românicas, as unidades formadas por preposição (ou artigo) seguidas de nome, supõe uma deslatinização da gramática, ou seja, falar por primeira vez de uma peculiaridade do português partilhada com outras línguas românicas. Mas, ao mesmo tempo, uma latinização da mesma, ao serem considerados estes sintagmas como advérbios. Contudo, a última citação parece deixar entrever que Argote vislumbrou a diferença entre os advérbios (propriamente ditos?), isto é, aqueles 'que se formam (derivados)' e 'aqueles que não se formam (simples)' e outras unidades que 'não se formam, são', as locuções. Não obstante, a tradição latina ainda tinha muita força na doutrinação linguística dos inícios de Setecentos e na concepção das *Regras da língua portuguesa, espelho da língua latina*.

4.2. Coincidindo com a institucionalização do ensino obrigatório da língua materna (1770), foi publicada a *Arte da Grammatica da Língua Portuguesa*, de António José dos Reis Lobato. O autor dedica a extensa introdução a justificar a necessidade de uma gramática da língua materna²³ e a defender a sua obra e o seu método, tão diferente dos seguidos pelas gramáticas anteriores. É especialmente crítico com a obra do P^o Bento Pereira, uma das bases do estudo gramatical no período pré-pombalino. Por último, explica a ordem seguida na obra.

Lobato concebe a Gramática como 'o arte que ensina a fazer sem erros a oração portuguesa' e, portanto, a oração será o fim das regras da Gramática. Esta divide-se em quatro partes: *Ortografia*, *Prosódia*, *Etimologia* e *Syntaxe*.

Na parte dedicada à *Etimologia*, considera a existência de nove espécies de palavras: artigo, nome, pronome, verbo, participio, preposição, advérbio, conjunção e interjeição. As quatro últimas são indeclináveis por conservarem sempre a mesma terminação. Isto é, o autor baseia-se no critério morfológico para distinguir as classes de palavras (Assunção, 2002: 19). Mas na definição do Advérbio (Lição II: 170-172), adjunta critérios semânticos ao carácter indeclinável desta palavra, seguindo assim a tradição.

ADverbio he huma voz indeclinável, que por Ji Jó não Jignifica nada complementemente; mas junta na oração a outra palavra, lhe declara o modo da Jua signi-

²³ As razões que aduz para promover o ensino da língua materna são as seguintes: a) para se falar sem erros; b) para saber os fundamentos da língua e facilitar o estudo de outras línguas. Assim actuaram todas as nações cultas do mundo e assim era costume entre os romanos; c) para que os mestres de escola melhorarem o conhecimento da sua própria língua.

ficação. Exemplo. Quando digo v. g. *Pedro fallou eloquentemente*, a palavra *eloquentemente* he adverbio, que junta ao verbo *fallou* exprime o modo, ou circumstancia da acção de fallar, que o dito verbo significa, isto he, declara que a acção de fallar foi com eloquência.

A classificação dos advérbios em espécies (ou tipos) depende do modo de significar; menciona os valores semânticos e pragmáticos mais notórios das tipologias tradicionais²⁴.

Chama a atenção o facto de, do ponto de vista morfológico, Lobato não distinguir entre advérbios primitivos e derivados, simples e compostos e que, não obstante, numa Advertência explique, por um lado, a formação dos advérbios em *-mente*, a partir dos adjectivos de uma ou duas terminações²⁵; e, por outro, a existência de unidades equivalentes aos advérbios, as locuções adverbiais.

1. Os advérbios de qualidade, que tem a terminação *mente*, formão-se dos adjectivos, sendo estes de duas terminações, da terminação feminina acabada em *a*, accrescentando-se-lhes as syllabas *mente*, como v.g. no adjectivo *Douto*, *Douta*, da terminação feminina *Douta*, accrescentando-se-lhe as syllabas *mente*, se fôrma o adverbio *Doutamente*. Se o adjectivo he de huma só terminação, accrescentando-se a esta as syllabas *mente*, se fôrma o adverbio, assim como de *Eloquente*, *Eloquentemente*.

2. Algumas das sobreditas palavras; a que damos o nome de adverbio, o não são por sua natureza, mas são tidas por taes pelo officio, que fazem de declararem, como os verdadeiros advérbios, o modo da significação das palavras, a que se ajuntão, como v. g. *Sem dívida*, que na realidade não he adverbio, por se compor da preposição *Sem*, e do nome *Dívida*.

Como se observa na última citação, apesar de lhes dar o nome de advérbio, Lobato considera que são outra coisa, dado que estão formadas por outras classes de palavras, ‘não são (advérbios) por sua natureza, mas pelo officio’, que consiste em mostrar o modo de significar da palavra à que se juntam, como os verdadeiros advérbios.

²⁴ Há varias espécies de advérbios, por serem diversos os seus modos de significar. As mais notórias são as seguintes. De afirmar: *Sim*, *Certamente*, *Na verdade*, *Sem dívida*. De negar: *Não*, *Nada*, *De nenhuma sorte*. De mostrar: *Eis-aqui*, *Eis-ahi*, *Eis-alli*. De perguntar: *Porque*, *Como*, *Como assim*, *Por que razão*. De comparar: *Assim como*, *semelhantemente*, *Do mesmo modo*. De lugar: *Ahi*, *Alli*, *Aqui*, *Cá*, *Onde Donde*. De tempo: *Agora*, *Ainda*, *Hoje*, *Hontem*, *Ante-hontem*, *Amanhã*, *Logo*, *Nunca*, *Sempre*. De quantidade: *Mais*, *Menos*, *Muito*, *Pouco*. De qualidade: *Bem*, *Sabiamente*, *Facilmente*, *Felizmente*.

²⁵ Menciona por primeira vez no nosso corpus a possibilidade de formação a partir de adjectivos de uma terminação.

Com respeito à definição do advérbio e a sua tipologia, não se observam diferenças notórias em relação aos anteriores gramáticos de carácter filosófico: segue um critério morfológico apoiado num critério fundamentalmente semântico.

Destaca-se Lobato por uma melhor percepção da formação dos advérbios em -mente e, por último, por uma concepção mais clara das locuções adverbiais ao considerar que não são advérbios por natureza mas pelo ofício e que estão formadas por palavras que não são advérbios. A nosso ver é evidente que o autor estava à procura de uma nova formulação para estas unidades pluriverbais.

5. A partir da análise das gramáticas portuguesas do período que abrange de 1536 aos 1770 e em relação às categorias invariáveis da oração, em particular ao advérbio, podemos chegar às seguintes conclusões:

a) Como acontece também nas gramáticas espanholas do período (Gómez Asencio, 1981, 1985; Ramajo Caño, 1987), não há unanimidade ao delimitarem as partes da oração, sobretudo as classes de palavras consideradas indeclináveis²⁶. Em geral, prosseguindo a tradição greco-latina, todas as gramáticas reconhecem o advérbio como parte da oração, embora alguns deles incorporem a interjeição nesta categoria.

b) A definição de advérbio baseia-se em critérios morfológicos (único em Oliveira), unidos aos valores semânticos, porque o advérbio é equivalente ao grupo preposição mais nome (Argote) ou porque expressa os modos de significar do verbo (Barros, Lobato). Também os critérios formais se podem unir aos critérios sintácticos (Barros, Roboredo e Argote).

c) A função do advérbio consiste em se unir a outra palavra para modificar ou declarar o seu significado. O advérbio junta-se ao verbo e a outras palavras como o adjectivo (Argote, Roboredo) ou a outro advérbio (Barros, Roboredo).

d) Ao comparar as referências às unidades pluriverbais chamadas locuções adverbiais nas gramáticas espanholas (Gómez Asencio, 2003) e nas gramáticas portuguesas²⁷, chama a atenção a data tardia em que se incorporam na gramaticografia portuguesa. Chama a atenção, sobretudo, o esquecimento destas construções em autores como João de Barros, que conhecia muito bem a obra de Nebrija, ou Amaro de Roboredo, que procurava os universais da linguagem ao mesmo tempo que a gramática particular do português.

²⁶ A confusão pode chegar aos limites, como no *Compendio de Orthografia* de Monte Carmelo (1767) que inclui sob o epígrafe de Advérbio todas as categorias invariáveis.

²⁷ Não há nenhuma referência às locuções adverbiais na gramática de Figueirido (1799).

Embora Jerónimo Contador de Argote e António José dos Reis Lobato se tivessem apercebido de que estavam ante unidades fixas e outros meios de exprimir valores circunstanciais, será Soares Barbosa (Barbosa, 1822: 335-336), quem alterará toda a teoria tradicional sobre o advérbio e distinguirá entre advérbios (*aqui*), nomes adverbializados (*certo*) e expressões ou fórmulas adverbiais (*d'alli, as escondidas*)²⁸, à semelhança das gramáticas filosóficas espanholas contemporâneas (Gómez Asencio, 1981, 1985), e instaurando (Fonseca, 2002) um novo quadro na gramaticografia portuguesa que fica fora dos limites temporais deste trabalho.

GRAMÁTICAS

- Argote, Jerónimo Contador de (1725). *Regras da língua portugueza, espelho da língua latina*. 2.^a impressão. Lisboa Occidental: Officina da música. <http://purl.pt/10>.
- Barbosa, Jerónimo Soares (1822). *Grammatica philosophica da língua portugueza com princípios de grammatica geral applicada à nossa linguagem*. Lisboa: Academia Real das Sciencias. <http://purl.pt/128>.
- Barros, João de (1971 [1540]). *Gramática da língua portuguesa*. Introdução e notas de Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Publicações da Faculdade de Letras.
- Figueirido, Pedro José (1799). *Arte da grammatica portugueza*. Lisboa: Regia Officina Tipográfica.
- Lobato, António José dos Reis (1770). *Arte da Grammatica portugueza, -coposta e offerecida ao Il.mo sr. Sebastião José de Carvalho e Melo, Márquez de Pombal*. Lisboa: Reg. Officina Typografica. <http://purl.pt/196>.
- Monte Carmelo, Luis de (1767). *Compendio de orthografia, com sufficientes catálogos, e novas regras*. Lisboa: Off. Antonio Rodrigues Galhardo. <http://purl.pt/9>
- Nebrija, António (1980 [1492]). *Gramática de la lengua castellana*. Edición preparada por Antonio Quilis. Madrid: Editora Nacional.
- Oliveira, Fernão (2000 [1536]). *Gramática da linguagem portuguesa (1536)*. Edição crítica, semidiplomática e anastática, por Amadeu Torres e Carlos Assunção. Lisboa: Academia das Ciências.
- Roboredo, Amaro de (2002 [1619]). *Methodo grammatical para todas as línguas*. Edição de Marina A. Kossarik. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

²⁸ Este grupo inclui as unidades pluriverbais formadas por preposição e regime, no segundo grupo com um nome sobreentendido, sem aperceber-se da diferente forma de significar.

Verney, Luis António (1952 [1756]). *Verdadeiro método de estudar*. Edição organizada pelo Prof. António Salgado Júnior. Lisboa: Clássicos Sá da Costa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Assunção, C. (2002). "As classes de palavras: dos primórdios a Cunha & Cintra". In: *SEHL 2001. Estudos de Historiografia Lingüística. Actas del III Congreso Internacional de la Sociedad Española de Historiografia Lingüística. (Vigo, 2001)*. Hamburg: Helmut Buske Verlag: 15-24.
- Blecua, J. M. (2006). *Principios del Diccionario de Autoridades*. Discurso leído el día 25 de junio de 2006 en su recepción pública. Madrid: Real Academia Española.
- Buescu, M.^a L. Carvalhão (1978). *Gramáticos portugueses do século XVI*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa. Biblioteca Breve.
- Buescu, M.^a L. Carvalhão (1984). *Historiografia da língua portuguesa. Século XVII*. Lisboa: Sá da Costa Editora.
- Coseriu, E. (2000). "Língua e funcionalidade em Fernão de Oliveira". In: *Gramática da linguagem portuguesa (1536)*. Edição crítica, semidiplomática e anastática, por Amadeu Torres e Carlos Assunção. Lisboa. Academia das Ciências: 29-60.
- Fonseca, M.^a do C. (2002). "Epistologia em lingüística", *Diana*, Revista do Departamento de Lingüística e Literaturas 3-4, Universidade de Évora: 17-34.
- Fonseca, M.^a do C. (2006). *Historiografia lingüística portuguesa e missionária. Preposições e posposições no século XVII*. Lisboa: Colibri.
- Gómez Asencio, J. J. (1981). *Gramática y categorías verbales en la tradición española (1771-1847)*. Salamanca: Universidad de Salamanca.
- Gómez Asencio, J. J. (1985). *Subclases de palabras em la tradición española (1771-1847)*. Salamanca: Universidad de Salamanca.
- Gómez Asencio, J. J. (2003). "De las locuciones adverbiales. ¿Qué se hizo en la tradición gramatical española?", *Interlingüística* 14: 59-73
- Mateus, M.^a H. Mira *et alii* (1989). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Monteiro, J. Lemos (1999). "As idéias gramaticais de João de Barros", *Revista Philologus* 5 (14): 37-48, Rio de Janeiro, UERJ.
- Ramajo Caño, A. (1987). *Las gramáticas de la lengua castellana desde Nebrija a Correas*. Salamanca: Universidad de Salamanca.
- Santos, M.^a H. Pessoa (2005). *As idéias lingüísticas portuguesas na centúria de oitocentos*. Dissertação de Doutoramento, apresentada à Universidade

de Trás-os-Montes e Alto Douro, sob a orientação do Senhor Professor Doutor Carlos Assunção. Tese inédita.

Scandola, V. (2006). *El tratamiento de la Fraseología en los Diccionarios de la Real Academia Española (1726-2001): Análisis fraseológico y fraseográfico. Contribución a la Historia de la Fraseología Española*. Tesis doctoral inédita, dirigida por M.^a Teresa Echenique. Valencia: Universitat de València.